

Contos de Natal: paradigmas temáticos e arranjos formais

Rosa Maria Goulart

Universidade dos Açores

Palavras-chave: Natal, conto, tradição, memória, tempo.

Keywords: Christmas, short story, tradition, memory, time.

Não restando hoje dúvidas quanto à possibilidade de qualquer episódio da nossa vida, qualquer acontecimento histórico ou qualquer relato mítico-simbólico poderem ser matéria literariamente (re)contável, continua, porém, a manifestar-se, a apetência dos escritores por certos paradigmas temáticos. Radicam estes, não raro, em mitos ancestrais ou em eventos de longa memória que nos chegam ciclicamente através de uma sua representação ritualizada, sejam eles de carácter religioso ou profano. Neste sentido, o Natal, modelar na medida em que cada vez mais sagrado e profano se confundem, ou, mais exactamente, em que o sagrado cede cada vez mais lugar ao profano, continua modelo inesgotável, oferecendo-se a múltiplas variações. Variações estas que trazem com elas úteis indicações de ordem literária e cultural, seja pelo que dizem do seu autor e respectivo contexto histórico-social, seja pelo que dizem ou sugerem em termos de estética periodológica, de códigos epocais, de mundividências .

Enquanto festa litúrgica de grande simbolismo, centrada na Missa da meia-noite, ou Missa do Galo, e culminando na Epifania, tradicionalmente conhecida por Dia de Reis, o Natal oferece-se a uma reactualização poético-narrativa que irradia em várias direcções, mas com alguns percursos dominantes: ora, como se sabe, no sentido da celebração de uma tradição religiosa e afectiva ligada ao nascimento do Menino Jesus, ora no de uma «mundanização» ditada pela sociedade de consumo, frequentemente ligada a um estatuto de classe, e onde o sentido originário da palavra e da festa se

perdem, ora, finalmente, no sentido – não necessariamente religioso, mas podendo sê-lo também – de uma solidariedade social de carácter sazonal.

Os contos que servirão de base a esta reflexão, de propósitos mais sintéticos do que propriamente analíticos, e escolhidos de autores e tempos diversos, são exemplos de uma e outra dessas situações. Numa selecção motivada pela diversidade de notações espaciotemporais que eles ofereciam ou pelo confronto de ordem geracional a que se prestavam, serão convocados aqui autores que abrangem um arco temporal que vai de fins do séc. XIX até ao presente. Termo *a quo* será o contista açoriano Nunes da Rosa (1871-1946), que publicou *Pastorais do Mosteiro* em 1904, mas incluindo textos datados do século anterior, e *Gente das Ilhas* em 1925. A data de 2006 é a de *Merry Christmas*, a última colectânea tomada como referência, que inclui textos (contos e poemas) de A. M. Pires Cabral, Alberto Pimenta, Alexandre Sarrazola, Fernando Cabral Martins, João Almeida, João Miguel Fernandes Jorge, Jorge Roque, Manuel de Freitas, Renata Correia Botelho e Rui Pedro Gonçalves.

Em «Vencidos», conto integrado em *Gente das Ilhas*, de Nunes da Rosa, emerge a situação de um casal de idosos que projecta ir à missa da meia-noite na sua igreja paroquial, inserida em meio rural. A escuridão, pela ausência de luz eléctrica, como era próprio de um certo tempo não muito longínquo em muitas freguesias e aldeias, o frio da estação e a debilidade de forças determinaram, porém, uma atitude hesitante, de avanços e recuos, até à decisão final de permanecerem em casa. Todavia, longe daquilo que poderia vir a ser esperado ante a impossibilidade de realização desse acalentado sonho de ir à missa, deparamos com um desfecho indicativo de aceitação resignada, a qual vem, por sua vez, acompanhada de alguma compensação, fazendo-nos pensar no Garrinchas de Miguel Torga.

Termina assim o conto:

Mas nisto, do alto da torre os sinos lançaram uma explosão de sons festivos, alegres, cantantes, que revoavam nos ares e se repercutiam comovidamente nas encostas.

Era o momento em que em que no templo iluminado e doce o sacerdote entoava o *Gloria in excelsis Deo*...

Os dois velhinhos abalados, trémulos e sorvendo lágrimas, ajoelharam instintivamente nas pedras alagadas do balcão, diante da grandeza do quadro daquela Noite Santa, sob a abóbada escura do céu, à luz das estrelas, com as mãos vacilantes erguidas para a Cruz!

Foi a sua derradeira Noite do Natal. (Rosa, 1978: 94)

Este final pode ser lido em dois sentidos opostos: por um lado, a ténue compensação pelo facto de a celebração do Natal lhes ter simbolicamente entrado em casa; por outro, a discreta indicação, sem mais comentários, de que a morte dos dois protagonistas lhes estaria no horizonte. Como conclusão, insinua-se que aquele Natal, pelo

episódio narrado, fora especial por duas razões: porque vivido como nenhum antes e porque foi o culminar de uma vida, cujo trajecto agora se completa.

Não são raros estes fogachos de felicidade, como se da memória desse acontecimento tão grandioso e tão significativo que é a vinda de um Deus à terra dos homens irradiassem episodicamente actos de bondade, boas notícias, chegadas inesperadas. Notam-se com muita frequência estes aspectos, ligados, por contraste, nos casos em que a acção do conto é dominada por eventos de carácter disfórico, à pobreza, à solidão ou à tristeza, que tantas vezes andam de mãos dadas.

«Mau agoiro», conto de *O Mistério da Paço do Milhafre*, de Vitorino Nemésio, cuja acção é dominada pela pobreza e pela desprotecção da velhice, presente na figura da mãe que tem o filho ausente em serviço militar, quer, a custo, mostrar uns lampejos de compensação, a compensação possível que não apaga o ambiente de nostalgia ante a velhice e a decrepitude: «Na Canada do Búzio o Natal desse ano não podia ser mais festejado. As estrelas próprias dum céu limpo e frio brilharam por cima da casinha consertada depois do fogo. Um soldado magro como um cão e de barba de dias deitava a mãe velha e tonta na cama e aquecia-lhe o caldo da panela» (Nemésio, 2002: 179).

Nunes da Rosa, contemporâneo, como lembra Tomás da Rosa no prefácio a uma das edições de *Pastorais do Mosteiro*, de grandes contistas finisseculares, como Trindade Coelho ou Fialho, deixa transparecer nos seus contos aspectos idílicos e rústicos, como aqueles autores, não omitindo traços de um naturalismo ainda vigente. É de crer, porém, que à especial feição dos seus contos não terá sido alheia a condição sacerdotal do seu autor bem como a sua inserção no meio açoriano onde passou quase toda a sua vida, apesar de nascido na Califórnia. Uma espécie de nota preambular a *Gente das Ilhas*, datada de 1925 e intitulada «Explicando», dá o tom emocional que nestes e noutros contos se espelha: «Não disputando competencias de arte nem se destinando ao sucesso do mercado, confio que o acolherá benevolmente o pequeno mundo restrito, de quasi intimidade literaria, a que se destina, sem prejuiso da única valia que lhe reconheço – a do subjétivismo afétuoso que o apresenta mesmo assim» (Rosa, 1978: XV).

Não é, mesmo em Nunes da Rosa – e não poucos autores contemporâneos seguirão idêntico caminho – o aspecto religioso, enquanto celebração litúrgica, que predomina, mas a nostalgia do passado trazida pelo envelhecimento e, por consequência, o confronto de tempos que motivam, como é também frequente, sentimentos contraditórios, porque minados pela saudade do que foi. Nem o tema, portanto, é novo nem a dita nostalgia rara na literatura. E Nunes da Rosa, sem a projecção nacional de outras figuras açorianas, mas, ainda assim, contista respeitável tão bem conhecer da arte de contar, aproveitou-o para, em tom pessoal, construir uma narrativa breve centrada (e daí também o seu vigor) em duas figuras apenas, cuja acção se vai progressivamente definindo através de um diálogo feito de mútua compreensão e grande cumplicidade, mas de poucas palavras:

Na torre da igreja começaram os sinos a repicar.

– A primeira...

– A primeira...

E os dois ficaram silenciosos a escutar as vibrações dos sinos, numa vaga e doce absorção comovida.

– Quando eu era rapariga... – ocorreu à tia Rosa.

– Estou a lembrar-me de que nesse tempo... – continuou depois o tio Luís.

E foram por ali adiante avivando a memória de velhas coisas passadas. (Rosa, 1978: 91)

Pelo meio destes cansados diálogos, numa espécie de arrastamento condizente com o estado de espírito, e do corpo, daqueles que os pronunciam (vários deles terminam com reticências) o narrador intervém, ora a resumir um pouco da história nas acções que medeiam entre duas falas ora a descrever a realidade circundante, que fica sempre a seu cuidado, ora a fornecer indicações sobre as personagens, segundo um processo de caracterização progressiva e ao sabor dos pequenos avanços narrativos: «A noite estava escura como breu. Lá adiante viam-se as vidraças da igreja palidamente iluminadas e no céu raras estrelas luziam por entre a massa escura e informe das nuvens alagadas»; «E os dois velhinhos, tristes das saudades daquela noite e deprimidos da própria impotência física, voltaram silenciosos ao quarto, onde a tia Rosa deu mais força à lamparina, que ficara baixa» (ibid.: 91).

Por conta do narrador ficam também, naturalmente, os comentários sobre o estado anímico de quem, na circunstância, não tinha condições de se auto-analisar («E neste diálogo ia todo o travor das suas almas escuras...» [ibid.: 94]) ou os afloramentos de prosa poética que também lhes não estava ao alcance e que culminam nos últimos parágrafos do conto¹.

Fazendo jus às características do género, trata-se de uma narrativa breve que não chega às três páginas e meia. E assinale-se, desde já, que, mesmo se o elemento religioso não deixa de estar subjacente, é para outros pormenores que aponta o título, dizendo-nos da festa não o que é cíclico, ritualizado e por todos vivido, mas aquilo que sobressai pela singularidade e pela excepcionalidade. Um episódio, afinal, como ensinam as teorias do conto. Um episódio apenas, em que se aproveitou a experiência da colectividade para lhes inculcar o particular. O título do conto, «Vencidos», concentra, portanto, não tanto a celebração que a data evoca, mas acima de tudo o resultado de um projecto em parte falhado pela inexorável acção do tempo e da vida.

¹ Para além da passagem supracitada que encerra o conto, leia-se o parágrafo que a antecede: «Mas nisto, do alto da torre os sinos lançaram uma explosão de sons festivos, alegres, cantantes, que revoavam nos ares e se repercutiam comovidamente nas encostas» (Rosa, 1978: 94).

O autor de *Gente das Ilhas* já fizera em texto anterior outra incursão no tema natalício e igualmente sem que o título tenha valor catafórico. Sugestivamente intitulado «Folha que passa», esse texto de carácter memorialístico inserido em *Pastorais do Mosteiro* (repare-se que este traz a seguinte indicação de carácter paratextual e genológico: «Contos e prosas»), de 1904, bem pode emparceirar com aquele que o contista mais tarde escreveria. Com uma diferença, porém: fá-lo em tom confessionalista e numa rememoração assumida em primeira pessoa, e segundo um *lirismo do sentimento* feito de uma aberta explosão de subjectividade, o que está em consonância com o mundo representado na obra literária e com a feição abertamente emotiva do padre contista da Ilha do Pico.

«Folha que passa», texto que finaliza com a indicação do lugar e do ano (Flores, 1894) é um conto (ou simplesmente uma prosa poética?) de características muito especiais, com dois registos narrativos distintos, ocupando cada um deles sensivelmente metade do texto que os integra. A primeira parte é toda ela preenchida por uma recordação emocionada dos tempos da infância, reportando-se a um passado que, repetindo-se em termos idênticos, dita como forma de expressão um pretérito imperfeito de valor iterativo:

Na igreja simples e modesta da nossa aldeia dizia-se à meia-noite missa de um só padre, – com muito povo, muitas luzes; e no cruzeiro, tapetado de rama de pinho, três homens à estante, a cantar, muito solenes e vermelhos, as mãos cruzadas adiante e as veias do pescoço túmidas como bordões!

E a gente quedava-se para ali, o ambiente impregnado de incenso e verdura, junto de nossos pais à espera do Menino Jesus, contentes, sadios, trejeitando uns pròs outros, rindo à socapa, até que o sono nos humedecia as pálpebras, untuosamente, com pequeninos sonhos, ligeiros, doirados... (Rosa, 1988: 2)

Não se centra todo este percurso breve, mas abrangente em pormenores, num episódio único, como vulgarmente se entende ser próprio do conto. Elege-se, antes, como matéria narrativa o episódio – agora, sim, como faz o conto na sua brevidade narrativa – da revisita saudosa à aldeia, mas só depois de na memória do narrador se ter revolvido toda uma recordação dos natais da sua infância. E, nestas circunstâncias, recordar uma data festiva paradigmática é, por simpatia, e como também encontraremos em «Mau agoiro» ou, de modo especial, em «Os Reis Magos», fazê-la, numa relação de contiguidade memorial, onde é evocada a própria terra onde tais eventos tinham lugar. As saudades do Natal, confundidas com as saudades da terra («Tempo andado da vida, senti saudades do Natal da minha aldeia. Meti-me num barco para a *minha terra*» – Rosa, 1988: 51), impulsionaram a viagem de retorno para reviver o passado:

... À noite, da janela do meu quarto – cenário morto do meu passado! – quando os sinos da igreja repicavam festivamente, senti uma enorme impressão de choro... Lembrava-me do Natal doutros anos: tanta criança, tanta luz, tanta alegria, tanta mocidade... e tudo morto, tudo esbatido na triste nostalgia de tempos que não voltam! ...

E chorei naquele dia as minhas primeiras lágrimas de rapaz... (ibid.: 54)

Quanto aos Reis Magos, se este motivo desemboca necessariamente no presépio, podem ser bem diversos os ambientes que em torno da respectiva viagem se (re)criam. Vitorino Nemésio, contrariamente ao narrador culto de Sophia de Mello Breyner em «Os Três Reis do Oriente» (*Contos Exemplares*), regionaliza os seus Reis Magos, fenómeno curioso quando a tradição cristã, assente na ideia de epifania, toma esse evento precisamente numa dimensão universalizante, como revelação de Deus à Humanidade, simbolizada nas figuras dos três reis do Oriente.

Os reis de Vitorino Nemésio, comparados com figuras do ambiente local e, de certo modo, *regionalizados*, são-no pelo artefacto escolhido para a narração da história, porque o narrador extradiégético apenas intervém para introduzir um outro narrador, intradiégético, a avó da criança que ouve o relato. São as características especiais desta personagem, decorrentes da sua experiência de vida e do seu nível cultural (e linguístico), a dar o tom a essa narrativa, acontecendo que as imagens utilizadas para clarificar a realidade descrita são gostosamente colhidas pelo autor no ambiente açoriano, onde essa narração oral decorre. Tomemos apenas dois exemplos:

Estas coisas sucediam em Oriente, que era o reino dos Reis. Ora, um dia (por tal sinal, uma noite em que chovia a potes), os três Reis encontraram-se num grande salão com paredes que nem muralhas. De roda havia tamboretos de coiro e de pregaria amarela, como o caldeirão carunchoso em que o mestre Francisco da Cadeia bate sola e põe tacões. (Nemésio, 2002: 168)

Eram pastores com cordeiros escarranchados ao pescoço; velhas, como a Jaleta, com cestas de ovos grossos de pata marreca e de galinha; raparigas frescalhoças com rosquilhas enfiadas nos braços. Um homem calvo e negrinho, que nem o Manuel de Borba, tocava um guexo lavrado que revirava o focinho e berrava como quem se despede deste mundo. (ibid.: 171)

Retirando-se o narrador, que poderia assumir o lado culto de Nemésio, fica o lado popular que ele tão bem assimilou e literariamente representou, nisto se distanciando da narradora de *Contos Exemplares*, que nunca cede ao «profano vulgo», mantendo-se sempre ao nível da alta cultura. Formas divergentes, portanto, recortando-se de um mesmo fundo temático.

Um encontro quase casual fez-me descobrir muito recentemente *Merry Christmas*, a já referida colectânea de um conjunto de escritores contemporâneos – uns bens jovens, outros menos – que nos dá a perceber uma nova visão das coisas, mas sem que se rompam definitivamente alguns laços com a tradição.

João Miguel Fernandes Jorge, nome firmado na poesia portuguesa, apresenta-nos também uma sua experiência do «Natal das Ilhas». Não se trata da tradicional experiência nemesiana nem do sentimento de perda que atravessa os textos dos autores acima referidos. Mas é ainda um «Natal na Ilha», a ilha de S. Miguel, e num local bem definido, a cidade da Ribeira Grande, onde o narrador (e poderá colocar-se a hipótese de o autor empírico por lá ter andado) relata e descreve toda uma ambiência que fascina pela bem conseguida fusão de elementos da tradição com traços bem definidos da sociedade moderna.

Naquilo que talvez pudéssemos classificar de um distanciamento culto, Fernandes Jorge conta em moldes que suscitam a dúvida sobre a possível ficcionalidade do seu relato ou, mais precisamente, sobre a ausência dela, pela acumulação de elementos reconhecidamente do mundo empírico. Ou seja, a minúcia narrativo-descritiva e os requintados pormenores da ceia de Natal que tem lugar na cidade da Ribeira Grande, com uma notação de elementos locais muito precisos, dão-nos a impressão mais de um fragmento autobiográfico, registo memorial ou diarístico, do que de uma narrativa breve ficcional, como do conto se espera. Curiosa, aliás, é a precisão final, como se o autor suspeitasse que poderia ser posta em causa a classificação genológica do seu texto: «E se me perguntarem se acredito que isto possa ser um conto de natal, digo-vos que sim, que isto é na verdade um conto de natal. Se não ficou perfeito como o seixo redondo e negro da praia, foi só porque o escrevi no dia mais quente deste agosto de 2006» (Jorge, 2006: 50).

Terá e não terá razão o «contista/poeta»? Ele constrói, sem dúvida, um conto de natal, sendo inegável a narratividade que o estrutura. Mas como classificar a última página, que, destacada do seu contexto, passaria bem por autêntico poema em prosa? Antecede o parágrafo final, supracitado, uma série de considerações que mostram, por um lado, o peso mítico de tão enraizada tradição com o seu quê de mistério que a racionalidade não explica e a que a lucidez analítica também se não subjuga. Não será de um lirismo de emoções à superfície que se trata, mas de uma intelectualizada emoção que se dobra sobre si própria para se auto-analisar e onde cabem reminiscências culturais onde cristianismo e paganismo se harmonizam. Com o Menino do presépio, a que se liga a ideia do *Deus Único*, vem, no plural, a divindade onde o mistério das coisas se insinua: «Talvez tenha confirmado o que sempre soubera. Que o natal guarda na sua figuração, a que eu próprio não sei escapar, uma multiplicidade profunda. Vem, pelo fim de todos os dezembros, de um lugar recôndito e secreto, onde os deuses moram imersos na sua obscuridade e também da sua luz» (Jorge, 2006: 50).

A própria caracterização da imagem do Deus Menino que figura no presépio da Ribeira Grande oscila, segundo o modo como o narrador o vê, entre as dimensões cristã e pagã, como se os deuses pudessem coexistir em pacífico convívio:

O Menino dormia na sala de dupla varanda – que passava de uma a outra face da casa, já o disse aqui mais de uma vez. Um Menino de formas esplêndidas. Dormia um sono profundo, de solstício invernal. É um Cupido adormecido, reclinado sobre o lado direito. Uma perna, flectida um pouco acima do joelho, oculta e desoculta, sob o ritmo da respiração, o nascente sexo. Está deitado sobre o ouro e a prata. Perfeito, no seu ser a um tempo formoso e especioso. Tem, sobre o fio de oiro entrelaçado no de prata, a atracção de Eros, espécie de força fundante. (ibid.: 47)

De racionalidade se falou, porquanto parece ser uma posição que a subjectividade do autor não quer de todo erradicar. Em homenagem a Vitorino Nemésio, metonimicamente representado nos nomes de três ovelhas de um poema daquele autor, mas rebaptizadas nas três ovelhas que figuravam no presépio da sua anfitriã da Ribeira Grande, João Miguel Fernandes Jorge elege-as para título do seu conto de natal: «A Ranhosa, a Gafa e a Torta». A memória do autor (uma vez mais, convocada naquela data festiva), funciona agora sinodoquicamente, tomando aqueles animais, poeticamente ligados ao tradicional presépio – figuração este do autêntico e originário – como representantes do todo que é a festa com figuras humanas, animais, enfeites, consoada e missa do galo.

O mesmo não se passa com «A Tua Véspera de Natal», de David Mourão-Ferreira (*Duas histórias de Lisboa*, 1987), que começa precisamente com os preparativos para a festa mundana e onde o religioso não tem lugar. Curiosamente, evita-se a visão idílica de um possível Natal na aldeia e o conto decide-se neste instável equilíbrio entre a cuidadosa preparação de um Natal na quinta, com toda a envolvência social de família rica e, fenómeno menos esperado, a nostalgia da cidade de Lisboa, mediante o retorno ao local de partida para uma revisita (também aqui) ao passado.

O habitual retorno às origens não se faz, como uma visão estereotipada às vezes nos faz acreditar, numa fuga da cidade para o campo, mas em sentido contrário. O apelo do rio, motivo tão caro ao escritor Mourão-Ferreira, e da casa paterna são os factores que desencadeiam a memória do passado da personagem, onde os pais ocupam lugar decisivo:

Os faróis do automóvel encaminhavam-te para Lisboa, a preceder-te, a orientar-te, como as mãos do sonâmbulo que vão à frente rasgando a escuridão. Confusamente compreendias que tinha sido já um aceno, embora falso, o das ruas cheias de gente, cheias de luzes e de bulício. Era afinal outra Lisboa que a tua alma te pedia. Evitaste, por isso mesmo, ao chegar à cidade as avenidas que atravessam os novos bairros e conduzem ao centro, para seguires à beira-rio, por entre as docas, até subires, por fim, à rua onde nasceste, onde a infância te correu. (Mourão-Ferreira, 1987: 21)

Depois desse retorno – que redundou, naturalmente, em frustração, porque as referências do passado já lá não estavam² – fica o balanço de quem, tendo feito o que um impulso natural lhe ditara que fizesse, acaba com uma série de perguntas a si próprio sobre o Natal, sobre a vida, sobre as suas motivações pessoais: «Mais tarde, de novo no automóvel, perguntaste a ti próprio se não teria sido ainda um capricho de rico esse teu gesto de buscares, no passado, o cenário longínquo dos teus Natais de pobre» (ibid.: 25-26).

A nossa primeira impressão do conto, ou aquilo que ele inicialmente insinuava, vai-se desfazendo – e daí a surpresa e a crescente expectativa que desperta no leitor. Aquilo que parecia saldar-se na festa mundana, requintada e fútil³, vai tomando novo rumo e, de certo modo, desfaz o estereótipo. Transporta-nos para um ambiente citadino onde as, tão repetidas na literatura, saudades do campo dão lugar às *saudades do rio*, como também se vê em «Natal à beira-rio» (Mourão-Ferreira: 1972: 11-12), belíssimo poema que abre o seu *Cancioneiro de Natal*.

David Mourão-Ferreira, nesse poema em quatro estrofes (quadras), sugere o percurso evolutivo da sua existência como *eu poético*, tomando como ponto de referência e elemento motivador a passagem de mais um Natal. Também aí o lado positivo da vida recai todo sobre a magia do Natal da infância, o que traz, como noutros exemplos já referidos, mas agora com a contenção poética e a mestria verbal do autor, todo um confronto passado/presente que abrange o núcleo familiar.

Não será talvez por acaso que o poema contém uma visível componente narrativa, pese embora a sua curta extensão. Se na primeira e última quadras, correspondendo ao que é próprio da subjectividade lírica, há uma insistência na situação presente, a segunda e a terceira quadras *narram* a micro-história da transição da infância para a idade adulta, o que traz evidentes consequências na relação com o Natal.

Desencadeado pela passagem de mais um Natal, metonimicamente representado no «braço do abeto» que, ao bater na vidraça, «bate» simultaneamente na memória do poeta, e pelo «ponteiro pequeno a caminho da meta», como um indicador da tran-

² Cf. Mourão-Ferreira, 1987: 25: «Vias tudo com tanta nitidez que se tornou praticamente um jogo, de certa altura em diante, ires sobrecarregando de pormenores, que há muito supunhas esquecidos, aquele cenário tão já tão atulhado de móveis, de objectos, de utensílios, de bugiangas. Mas subitamente reparaste, quase aterrado, que só não conseguias imaginar, ali dentro (ali dentro?), a presença viva de quem quer que fosse. Nem o que mais te agradaria reevocar nesse instante: a atmosfera – que apenas abstractamente recordavas – de certas noites de Natal».

³ Veja-se o primeiro parágrafo: «Impecável. Foi impecável a tua véspera de Natal. Não te poupaste a nenhum esforço, a nenhuma despesa. Trataste dos mínimos pormenores com a antecedência necessária. Pareceram realmente espontâneos os gestos que deviam ser, ou pelo menos parecer, realmente espontâneos. Houve alegria, houve calor e gratidão à tua volta. Houve também, é certo, uns súbitos abismos de silêncio, uns turvos remoinhos de silêncio. Mas não terás sido tu quem, afinal, os procurou?» (Mourão-Ferreira, 1987: 13).

sitoriedade da vida, o assunto do poema reúne, como acima afirmado, o confronto de fases etárias e de experiências. O presente é, assim, o tempo da privação relativamente ao passado da infância, quando «o Menino nascia a bordo de um navio/ que ficava, no cais, à noite iluminado...». É o tempo do desnorde, da errância e do erro. Daí a ambiguidade do verbo *errar*: tem o sentido da desorientação de quem perdeu a bússola e o da perdição, por excessivo envolvimento na terra: «Depois fui quem não sei quem que se perdeu na terra./ E quanto mais na terra a terra me envolvia/ mais da terra fazia o norte de quem erra».

O projecto de Mourão-Ferreira, aqui convocado apenas pelo confronto possível com «Véspera de Natal», não tem propriamente função narrativa, submetido que está ao desabafo, à análise retrospectiva e, finalmente, ao balanço existencial propiciado pela situação presente, o que significa dizer: submetido à interrogação final sobre a sua condição de poeta: «Serei dos que, afinal/ Errando em terra firme/ Precisam de Jesus, de Mar ou de Poesia?».

Concluindo, direi que a motivação deste trabalho partiu da intuição de que nestas «variações sobre um tema» seriam encontradas perspectivas bem dissonantes decorrentes de um confronto de espaços e gerações. De facto, era natural que assim fosse, mas não foram encontradas tantas quanto seria esperável. O tema natalício continua, portanto, a oferecer-se continuamente a um nostálgico olhar retrospectivo. Ou sob a dominância dos mitos judaico-cristãos ou sob uma perspectiva mais voltada para o social ou para uma sondagem da intimidade, foram encontrados dois factores preponderantes: o tempo e a memória. Lugar de confrontos o primeiro; lugar de ancoragem do próprio «eu» no segundo. Por vezes, de reconforto, mas também de inquirição, de confronto que traz a nostalgia, mas também a resignação ante a constatação daquilo que, tendo sido, não pode voltar a sê-lo.

O lado mítico da festa, prestando-se à dita reactualização, motiva essas variações, ao mesmo tempo que permite a perpetuação do mito. Com um núcleo semântico estável, (centrado no presépio, na missa do galo ou na consoada) de raiz histórica, mas com a lenda à mistura, os contos que a partir dele se desenvolvem, sendo representações subjectivas do que o passado trouxe até ao presente, evidenciam perspectivas individuais, mas também traços epocais. O conto de João Miguel Fernandes Jorge ou, mesmo já, para convocarmos exemplo mais longínquo, «A Missa do Galo», de Machado de Assis, ou «Natal», de Miguel Torga, são de tempos e de lugares distintos, onde não cabem os contos de Nunes da Rosa nem mesmo o de Nemésio. São, portanto, histórias que trazem nítida inscrição de tempo e lugar. Como o serão todas, certamente, mas o facto de se tratar de um motivo original a todos acessível e de em qualquer dos casos, como a data e a rememoração festiva permitem, haver um decidido envolvimento emocional deixa, talvez, mais a nu esse aspecto.

O «Natal», de Torga, é manifestamente, num confronto com os contemporâneos, de um outro lugar, como de outro lugar era o autor que o concebeu. Comprovam-no a ruralidade que caracteriza personagem e espaços, onde uma espécie de moral natural, sem policiamentos de ordem social, comanda o comportamento e recebe, conseqüentemente, o prémio da transgressão, transgressão que só o é por imperiosa necessidade, e que traduz, de forma brusca e original, uma derrogação da tradição na constituição da família do presépio.

Em nenhuma delas, mesmo chegando-se a 2006, anote-se de passagem, se encontra a figura do Pai Natal, que no imaginário infantil veio rivalizar com o Menino portador dos brinquedos às criancinhas e que se passeia de forma ostensiva e luminosa nas ruas das cidades durante o mês de Dezembro. Isso faz-nos pensar que, nos contistas em apreço – os quais, mesmo se, em termos estatísticos, não servem de amostra, não deixam de ser significativos – e noutros que não houve possibilidade de analisar, a força da tradição dita uma modernidade ainda assim moderada, quer no respeitante ao tratamento do tema quer à construção narrativa. Parece, assim, colocar-se como hipótese interpretativa o facto de a subversão que molda a literatura moderna e pós-moderna não encontrar neste tema o terreno mais fértil para a sua desconstrução, pesem embora as marcas de modernidade que estarão, sem dúvida, presentes nalguns deles, como se pode depreender do de João Miguel Fernandes Jorge ou do de David Mourão-Ferreira. Curiosamente, porém, o apelo da terra natal ou da infância, trazido por algum ténue ponto de referência que as evoca, persiste como motivo forte destas narrativas.

Concluindo, é todo um lastro cultural que neste caso, como noutros de idêntico peso significativo, nos chega ao presente – por vezes rondando mesmo o estereótipo – na multiplicidade das suas manifestações. Sempre o mesmo tema e sempre um outro tema na variação dos seus arranjos formais e nas perspectivas que os enformam. Mas terá a temática, fica a pergunta, o poder de sub-repticiamente condicionar os arranjos formais, tornando mais visíveis ou a permanência da tradição ou a ruptura implicada na moderna inovação?

Bibliografia

- JORGE, João Miguel Fernandes (2006). «A Ranhosa, a Gata e a Torta». In *Merry Christmas*, Lisboa: Averno.
- MOURÃO-FERREIRA, David (1987). «A tua véspera de Natal». In *Duas histórias de Lisboa*. Lisboa: Editorial Labirinto.
- (1972). *Cancioneiro de Natal*. 2ª ed. Lisboa: Editorial Verbo.
- NEMÉSIO, Vitorino (2002). *Obras Completas*. vol. VII. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

ROSA, Francisco Nunes da (1988). *Pastorais do Mosteiro*. 3ª ed. Angra do Heroísmo: Direcção Regional dos Assuntos Culturais, Secretaria Regional de Educação e Cultura.

(1978). *Gente das Ilhas*. Angra do Heroísmo: Direcção Regional dos Assuntos Culturais, Secretaria Regional de Educação e Cultura.

Resumo: Os contos de Natal que servem de base a esta reflexão permitem questionar as variações formais de um núcleo temático estável, porque de carácter mítico-simbólico, bem radicado na cultura judaico-cristã. Servem ainda para uma interrogação sobre o modo como os arranjos formais podem submeter-se ou furtar-se ao peso da tradição.

Abstract: The collection of Christmas tales which constitutes the object of this reflection prompts us to question the formal variations based on a stable thematic core which displays a mythical and symbolic status deeply rooted in Jewish-Christian culture. These short stories also raise the question as to the way in which formal composition can either yield to or escape from the weight of tradition.